

**Nome:** Raquel de Azevedo  
**E-mail:** raquelazevedo@gmail.com  
**Instituição de Ensino:** PUC-RJ  
**Orientadora:** Déborah Danowski

## A ÁREA DE UM MITO

Lévi-Strauss é um dos herdeiros da geometria projetiva de Desargues, ou, dito de outra forma, da incorporação, em um sistema de pensamento, da noção de que linhas concorrentes em um ponto finito e linhas paralelas de mesma direção são de mesma ordenação, a diferença é apenas a distância, finita ou infinita, do ponto de intersecção. Desargues concebia uma reta como um círculo fechado em si mesmo a uma distância infinita. As posições intermediárias entre a reta e o círculo são dadas pelas seções planas de um cone, o que significa dizer que por sua congruência com o cilindro, o cone contém as transformações entre as duas figuras-limite. Entre a reta e o círculo há, nesta ordem, a hipérbole, a parábola e a elipse, menos como traços estáticos de um isomorfismo, como queria Desargues, que como geradas por um movimento contínuo de projeção plana, como imaginava Leibniz. O problema metodológico que Lévi-Strauss se coloca na *Abertura de O cru e o cozido* é a introdução do ponto no infinito na análise mítica e, conseqüentemente, a concepção da unidade de um mito enquanto estrutura da qual só se pode saber, a exemplo das seções cônicas, uma versão sem inércia.

Lévi-Strauss se vale de um problema da teoria óptica do século XVII para explicar o movimento em que consiste um mito. Trata-se da anaclástica, a saber, do estudo da forma que uma superfície de refração deveria assumir para fazer convergir um feixe de raios de luz paralelos em um único ponto. Descartes afirma, em *A dióptrica*, que mesmo que o lugar exato da fonte luminosa permaneça hipotético, as propriedades dos meios atravessados pela luz podem ser determinadas com precisão. Com isso, é capaz de demonstrar matematicamente que a lente que provocaria o desvio exigido pela anaclástica tem as proporções geométricas de uma hipérbole. A análise mítica não passa, portanto, pela decomposição das sequências narrativas até que se atinja uma unidade secreta que dê a chave de sua diversidade. Se os temas míticos se desdobram ao infinito (como o feixe de raios de luz paralelos), um mito é a estrutura óptica que opera um desvio (uma lente). Em *A gesta de Asdiwal*, de 1958, ao avaliar o modo como um esquema mítico se propaga entre duas populações distintas, Lévi-Strauss afirma que o mito começa por se empobrecer e se

embaralhar, mas há um momento limítrofe no qual, em vez de perder completamente todos os seus contornos, inverte-se e recupera sua precisão. É como se a óptica lhe desse uma imagem incipiente para sua regra de transformação dos mitos: a lente converte o objeto em imagem (sujeito em predicado) e faz com que suas representações apareçam invertidas (substituição pelo contrário). Mas assim como a metáfora da câmara escura está limitada pelas propriedades da luz e, por extensão, da visão, a análise da transformação mítica entre dois povos vizinhos na costa canadense do Pacífico parece estar limitada pelas condições específicas de organização social. Nas *Mitológicas*, por sua vez, a análise se desvincula progressivamente dos paradigmas externos ao conteúdo mítico; o contexto dos mitos é cada vez mais os próprios mitos.

Em *Do mel às cinzas*, o conjunto de transformações associado a uma mitologia da conjunção não mediatizada com a natureza marcha em direção a uma estrutura estacionária. Esse efeito parece corresponder ao que Lévi-Strauss chama de uma economia neolítica, no sentido de que o crescimento populacional deixa rastros na duplicação dos personagens míticos, que alternadamente expressam o desdobramento sincrônico e diacrônico dos mesmos temas. No entanto, o que interessa a Lévi-Strauss na configuração de uma estrutura estacionária é menos sua infraestrutura do que o modo como ela atesta o afastamento elementar entre o conteúdo e a forma do mito, isto é, os mitos só conseguem ilustrar uma decadência por meio de uma estrutura formal estável. A variação do conteúdo é máxima quando a variação da forma é mínima. Ao chegar a esse mínimo de movimento a que corresponde um eixo de transformações míticas, Lévi-Strauss se aproxima de uma hipótese monádica: se o mito do desaninhador de pássaros é uma mônada que contém em si a relação com todos os outros mitos, se os mitemas de  $M_1$  permitem arrastar para dentro de si todo o campo mítico ao qual se refere, os demais mitos devem ser capazes de exprimir o mesmo conjunto de relações, com maior ou menor distinção. No § 9 do *Discurso de Metafísica* e no § 57 da *Monadologia*, Leibniz diz que o universo é como que multiplicado tantas vezes quantas forem o número de substâncias ou mônadas, ou, dito de outra forma, uma mesma cidade é diversamente representada segundo as diferentes posições daquele que a olha, sendo que cada uma dessas posições exprime, à sua maneira, a relação de todas as coisas entre si.  $M_{303}$  é uma posição no campo mítico que confirma não apenas a relação de todos os mitos entre si, mas o modo como eles se transformam.

Estamos diante do mito que analisa a análise, assim como as *Mitológicas* são o mito da mitologia. O corte vertical que  $M_{303}$  opera em relação aos demais mitos parece

corresponder ao momento em que relações redundantes informam mais sobre a economia de um sistema do que novos tipos de ligações entre os elementos. Tudo se passa como se a redundância fornecesse uma dimensão adicional ao campo mítico, como se a degeneração da mitologia em uma estrutura estacionária lhe garantisse um aspecto de objeto geométrico volumoso. No início da análise empreendida por Lévi-Strauss, os mitos se reduzem quase que inteiramente a uma cadeia sintagmática cuja mensagem deveria ser decifrada com o auxílio de conjuntos paradigmáticos externos. À medida, porém, que o campo mítico se estabiliza enquanto um objeto pluridimensional, as relações paradigmáticas situadas em seu interior se multiplicam mais rápido do que as relações externas e a própria diferença entre cadeia sintagmática interna e conjunto paradigmático externo tende a se abolir. É o momento em que, de fato, os mitos se pensam a si mesmos.

Resta saber qual a área que o campo mítico deve assumir para que adquira o aspecto de máquina animada (pluridimensional). Os homens não são capazes de dar a uma massa qualquer o mesmo arranjo que tem o corpo humano, diz Leibniz no manuscrito *On animated machines*, de 1685, a menos que pudessem conservar esse arranjo dividindo-o infinitamente. É possível criar uma máquina que se pareça com um homem, mas se for bem examinada, verificar-se-á que não é máquina em cada uma de suas partes, como um homem ou um animal. O funcionamento de uma máquina produzida pela arte humana, por outro lado, encontra explicação em noções simples de força e movimento, conclui Leibniz. O problema do cálculo da área do campo mítico é, portanto, o problema da integral, isto é, o caminho inverso da divisão infinita de um corpo. É esse caminho que o corte vertical de  $M_{303}$  parece indicar. Inversão da derivação infinita dos mitos,  $M_{303}$  os estabiliza ao extrair de sua variação infinitesimal uma dimensão de profundidade.

O problema da área que o campo mítico deve assumir para que surja em seu interior uma congruência entre um ponto a uma distância finita e outro a uma distância infinita sugere, porém, uma segunda questão ainda mais fundamental. Se os mitos são transformações uns dos outros, a estrutura cônica que surge no interior das *Mitológicas* é uma transformação de quê? O objetivo desse trabalho é pensar a análise mítica lévi-straussiana como uma perspectiva.

**Palavras-chave:** Geometria projetiva; Óptica; Transformação mítica.